

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
FACULDADE DE LETRAS E ZOOTECNIA
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

LUSIANE BASILIO PRATES

**OBRAS INACABADAS DAS PERSONAGENS DE LYGIA FAGUNDES TELLES:
AS MENINAS E AS HORAS NUAS, DESDOBRAMENTOS E REFLEXÕES**

Pontes e Lacerda – MT

Dezembro/2013

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
FACULDADE DE LETRAS E ZOOTECNIA
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

LUSIANE BASILIO PRATES

**OBRAS INACABADAS DAS PERSONAGENS DE LYGIA FAGUNDES TELLES:
AS MENINAS E AS HORAS NUAS, DESDOBRAMENTOS E REFLEXÕES**

Trabalho de conclusão do curso de graduação em Letras, apresentada ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso- *Campus* Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para obtenção do título de graduada em Letras.

Orientadora: Prof^a Dr^a Madalena Aparecida Machado.

**Pontes e Lacerda – MT
Dezembro/2013**

Esta monografia foi apresentada perante a seguinte banca examinadora:

Prof^a Dr^a Madalena Aparecida Machado
(Orientadora)

Prof. Dr. Helvio Gomes Moraes junior

Prof^a Ms. Ediliane Gonçalves

Dedico este trabalho ao meu esposo Ronaldo Prates Brum, e a minha filha Isabele Basilio Prates.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Deus em momentos difíceis de minha vida, me dando força e sabedoria, para enfrentar as dificuldades.

Aos meus pais, as minhas irmãs que sempre esteve ao meu lado intercedendo por me em suas orações, e sempre diziam não desista você é capaz.

Aos meus professores que estavam sempre prontos a esclarecer minhas dúvidas, me proporcionando conhecimento.

Aos meus amigos de sala, pois passamos por momentos bons e ruins ao logo desta conquista: Aristelson, Maraline, Michele, Mizael, Raquel, Renata, Solange, que sempre estavam me incentivando em momentos de desistência.

Agradeço imensamente pelo incentivo, a uma grande colega Lidianne.

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Madalena Machado, pela paciência e por acreditar em me, auxiliando no desenvolvimento deste trabalho expresso a minha eterna gratidão.

O agir de Deus é lindo na vida de quem é fiel.
No começo tem provas amargas. Mas a minha
vitória hoje tem sabor de mel. (DAMARES)

RESUMO

Este trabalho busca investigar nos romances **As Horas Nuas** (1989) e **As meninas** (1974) de Lygia Telles Fagundes, as obras inacabadas das personagens Rosa Ambrósio e Lia, das respectivas obras. Ao escolhermos o recorte para nossa interpretação, temos como ponto de partida a ficção, a crítica, a teoria literária que nos auxiliam a desenvolver um pensamento reflexivo a respeito da literatura de modo geral. O tema desta pesquisa é apresentado de forma objetiva, buscando saber sobre a incompletude das personagens, ambas destacadas na nossa pesquisa pela tentativa de escrever um livro. Buscamos discutir as obras de Lygia enquanto pós-modernas, e a existência de uma obra incompleta na pós-modernidade, fazendo um entrelaçamento entre o inacabado e a crise de identidade das personagens, visualizando o ser humano ao começar algo e não terminar.

PALAVRAS- CHAVE: Romance, pós-modernidade, inacabado, personagem

ABSTRACT

This work investigates the novels *The Nude Hours* (1989) and *Girls* (1974) by Lygia Fagundes Telles, the unfinished works of the characters and Lia Rose Ambrose, of their works. By choosing the cut for our interpretation, we have as starting point the fiction, criticism, literary theory that help us to develop a reflective thinking about literature in general. The theme of this research is presented in an objective manner, seeking to know about the incompleteness of the characters, both highlighted in our research by trying to write a book. We discuss the works of Lygia as postmodern, and the existence of an incomplete work in postmodernity, making an interweaving between the unfinished and the identity crisis of the characters, viewing the human being to start something and not finish.

KEYWORDS: Romance, postmodernity, unfinished, character

SÚMARIO

INTRDUÇÃO:	9
I- CAPÍTULO: O elo entre as personagens Rosa Ambrósio e Lia.....	11
II- CAPÍTULO: A literatura e a pós-modernidade.....	26
III- CAPÍTULO: Obras inacabadas e pós-modernidade.....	36
CONCLUSÃO:	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	48

INTRODUÇÃO

Para melhor traçar este percurso interpretativo, tomamos como *corpus* literário desta pesquisa as obras **As Horas Nuas** (1989) e **As meninas** (1974) de Lygia Fagundes Telles. Nosso embasamento teórico se pautará na leitura de Linda Hutcheon, **Poética do pós-modernismo** (1991), Stuart Hall, **identidade cultural na pós-modernidade** (2005) e Proença Filho, **Pós- Modernismo e Literatura** (1988), especificamente o que eles tratam acerca do pós-modernismo. Hutcheon relata que no pós-modernismo ocorreram várias mudanças nas palavras com prefixos “in”, “des” e “anti”, neste sentido, a teórica afirma que o pós-modernismo nega o seu compromisso literário que antes era aceito e agora é teorizado. Os prefixos evidenciam um fenômeno contraditório na literatura, essas alterações foram provocadas por vários teóricos numa cultura pluralista e fragmentada, sendo que essas mudanças se manifestam no importante conceito pós-moderno. "que usa e abusa, instala e subverte os próprios conceitos que desafia". Diante disso, parafraseando Stuart Hall (2005), no pós-modernismo a perda, "de sentido de si" estável, é chamada algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo (2005, p. 9). Essa concepção de sujeito descentrado é marcada pelo sujeito pós-moderno ao não possuir uma identidade fixa e sim uma identidade fragmentada, diferente, em busca do seu “eu” interior. Dos vários pontos de estudos sobre o pós-modernismo, o homem moderno carrega consigo o individualismo a descrença e a frustração. Do ponto vista de Proença Filho, “frustrado diante da realidade presente, sem esperanças de futuro, o homem contemporâneo parece ter assumido a passividade do conformismo, a busca nostálgica do passado” (1988, p.35). Neste sentido, o mundo contemporâneo é um universo multifragmentado, percorrendo ainda, Proença Filho (1988) salienta, que “o mundo contemporâneo, corresponde também, em certa medida, uma literatura em que se presentifica, mas fortemente o fragmentarismo textual” (p.43), tal fragmentação, portanto, são elementos que se clarificam no comportamento das personagens dos romances **As Horas Nuas** (1989) e **As meninas** (1974) que refletem no pós modernismo.

No primeiro capítulo explanaremos um pouco sobre a vida da autora Lygia Fagundes Telles, enquanto escritora, e teceremos a descrição das obras, apontando as personagens Rosa Ambrósio e Lia enquanto “escritoras”, pontuando a semelhança entre elas.

No segundo capítulo discutiremos as obras **As Horas Nuas** e **As meninas** enquanto pós-modernas, fazendo uma interpretação diante das teorias, pontuando a existência de um livro inacabado, valorizado no pós-modernismo.

No terceiro capítulo procuraremos pontuar o porquê destas obras inacabadas, fazendo um entrelaçamento entre a crise de identidade das personagens.

Em todos os capítulos elaboramos uma leitura crítica da ficção de Lygia Telles, buscando discutir o teor da incompletude das obras inacabadas das personagens de acordo com as teorias.

I CAPÍTULO

O ELO ENTRE AS PERSONAGENS ROSA AMBRÓSIO E LIA

Na leitura crítica dos romances **As Horas Nuas** (1989) e **As meninas** (1974), considerando-as obras de uma escritora do pós-modernismo, Lygia Telles, dona de um estilo próprio que contribui e enriquece a literatura. Escreveu vários contos, e quatro romances, em 1970 recebeu o grande “Premio Internacional Feminino”, em 1982 foi eleita para a cadeira 28 da academia Paulista de Letras. O que nos atraiu para enveredarmos nas obras de Telles foi a incessante exploração, em relação ao inacabamento das obras iniciadas pelas personagens, nos romances supracitados, em busca de suas identidades e pelo fato de serem mulheres. Embora, nas obras de Telles exista uma atenção toda especial em relação aos conflitos existenciais do ser humano, notamos que estes conflitos são na maioria encenados por mulheres. Suas obras são conhecidas no Brasil e também internacionalmente, mostram a frágil condição humana do labor e a própria vida. Do ponto de vista de Hannah Arendt, **A condição Humana** (2004).

A pluralidade é a condição da ação humana pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha existir. (p.16)

Tais condições humanas observadas nas obras **As Horas Nuas** e **As meninas**, as relações familiares marcadas pela solidão, discrepância pela decadência dos valores corriqueiros em suas personagens nos quais são representadas por mulheres, estão sempre em busca de compreender a “si” mesmas numa crise de identidade. Para tanto, as personagens voltam ao passado na tentativa de entender o presente, neste sentido, Giorgio Agamben em **O que é contemporâneo e outros ensaios**, (2009) salienta que as “histórias sobre o passado são apenas a sombra trazida pela sua interrogação do presente” (p,72). Diante dessa afirmação do teórico Agamben, observamos que nas obras de Lygia Telles o passado e o presente se mesclam na tentativa de encontrar resposta para o

presente. Podemos suscitar que os seres fictícios de Lygia carregam consigo o individualismo denunciando as limitações do ser humano.

Retornar ao passado é trazer de volta lembrança que um dia foi importante e significativo, histórias analisadas com criticidade. Segundo as considerações de Linda Hutcheon, **Poética do pós-modernismo**, (1991) “como um desafio libertador que vai contra uma definição de subjetividade e criatividade que ignorou durante um período demasiadamente longo a função da história na arte e no pensamento” (p.29). Este desafio libertador podemos dizer que seria através de reflexões críticas oriundas do passado. Sendo assim, isto se configura nas obras de Lygia, pois seus textos geralmente apropriam-se de vários ângulos ideológicos que repensam o papel da sociedade moderna. A escritora apropria-se de uma literatura intimista por meio dos seus personagens, sendo o romance **As meninas** uma denúncia a um período conturbador político do regime militar, que engloba a juventude. As personagens de Lygia evidenciam-se num “painel” crítico que capta uma crise patriarcal. Ambos os aspectos estão inseridos em um período histórico decisivo na História política do Brasil.

O romance **As Horas Nuas** apresenta um enredo que conta a trajetória de Rosa Ambrósio, esta é apresentada como uma atriz decadente, alcóolatra afastada dos palcos, de meia-idade que vive em seu apartamento na solidão, só com seu gato chamado Rahul e sua empregada Dionísia. Os papéis representados no palco nas peças de teatro, sendo a maioria de William Shakespeare se confundiam com a vida pessoal da atriz Rosa Ambrósio, isto mediante delírios. Uma das peças consideradas famosas em que Rosa atuou foi Hamlet, fazendo o papel de Ofélia, Rosa menciona sua participação na peça.

A voz da jovem atriz Rosa Ambrósio na cena da demência é um doce sussurrar de águas puras, ninguém resiste ao seu canto, escreveu aquele crítico de barbicha loura, depois quis dormir comigo, haja saco! Eu descia a escadaria coroada de florinhas e cantando enlouquecida, *Ai mísera de mim ter visto o que já vi, ver o que vejo agora...* O louco de verdade come merda, mas no teatro ele pode ficar sublime (TELLES, 1989, p. 42).

Em meio a tantos delírios sua única saída era buscar auxílio na psicanalista Ananta Metrado que mora no mesmo prédio. À qual narra os seus problemas em relação à morte de Gregório e o desprezo da filha Cordélia e o sumiço de seu

amante Diogo. Em meio a tanto desabafo Rosa passa seus dias relembrando o passado, trágico, em que era uma menina pobre abandonada pelo pai e recebia ajuda da família do primo Miguel, pelo qual era apaixonada. Essa paixão foi interrompida com sua morte devido à overdose deixando várias lembranças boas e ruins na memória de Rosa. Assim, a personagem decide escrever um livro intitulado “As Horas Nuas”, no qual narra as suas memórias para um gravador. Imersa nas memórias do passado, procura dar sentido para vida, na tentativa de encontrar respostas para o presente. Com intuito de vivenciar as lembranças e compreender a si mesma enquanto ser no mundo fragmentado.

Já o romance **As meninas** (1974), expõe a realidade da ditadura militar, um romance que foi escrito na época da repressão e de fatos históricos da ditadura. As personagens Lorena, Ana Clara e Lia são estudantes universitárias e moram em um pensionato de freiras, as personagens contestam as representações das mulheres tradicionais da época.

Vistas desta maneira, observamos a personagem Lorena, culta, delicada, e estuda Direito, mas sempre lembra com tristeza o fim trágico de sua família. Segundo ela, seu irmão, Rômulo, morreu num drástico acidente com um tiro, mas sua mãe diz que seu filho morreu com um mês de vida de sopro no coração, e seu pai morreu em um sanatório. Ana Clara estudante de psicologia tem uma personalidade difícil, filha de pai desconhecido e mãe prostituta teve uma infância difícil, foi abusada sexualmente quando criança, e tem um namorado chamado Max, ambos são viciados em drogas. Lia de Melo Schultz, vem de uma família tradicional e quebra com essa tradição no momento em que ingressa na faculdade, estudante de ciências sociais uma ativista de esquerda, tranca sua matrícula e envolve-se no movimento contra a ditadura militar juntamente com seu namorado, Miguel o qual é preso. O que fica evidente neste trecho. “Mas às vezes fico oca, queria ser presa, ficar no seu lugar, por que não fui presa em seu lugar? Queria morrer” (TELLES, 1974, p.8).

Lia, ao comentar com sua amiga Lorena sobre seu romance, expõe que em dezembro a cidade cheia de pêssego, e depois de pronto havia rasgado, Lia sendo uma jovem ativista sempre estava a par das notícias através do jornal e se envolvia nos discursos contra a militância, neste conflituoso movimento da ditadura militar é obrigada a deixar o país.

O objetivo deste trabalho é entender nas obras de Lygia Fagundes Telles, a incompletude das personagens Rosa Ambrósio da obra **As Horas nuas** e Lia da obra **As meninas**. Ambas destacadas na nossa pesquisa pela tentativa de escrever um livro. Elementos esses que aparecem na textura das obras e que nos chamou a atenção a fim de compreender o porquê disso se presentificar nos dois romances da escritora. Partindo deste pressuposto, o conteúdo do livro de Rosa Ambrósio “As Horas Nuas” é relacionado à sua infância, seu grande amor Miguel, enfim sua fama nas peças de teatro. E na obra de Lia, “o último véu”, no começo da narrativa, tudo nos leva a crer que é um romance, mas ao longo de sua escrita se torna algo pessoal, direcionado às questões corriqueiras do seu envolvimento na ditadura militar. Para compreendermos melhor a motivação de Rosa Ambrósio e Lia em escrever um livro, nos pautaremos em Maurice Blanchot, **O espaço Literário** (1987) no qual consta,

O sentimento de tê-lo tocado pode nada mais ser do que a ilusão de ter atingido; quando se trata de um livro de esclarecimentos, há uma espécie de lealdade metódica a declarar na direção daquele ponto para o qual parece que o livro se dirige. (p,9)

De acordo com Blanchot, ao mencionar que trata de um livro de esclarecimento notamos que isto se configura na personagem Rosa Ambrósio, na tentativa de escrever suas memórias e intenso processo de suas lembranças do passado, se depara com aglomerados de lembranças boas e ruins. Mas, como sua memória passará por outro processo que é a escrita, tem a oportunidade de excluir as passagens indesejadas de seu gravador. “Posso começar assim as minhas memórias” (TELLES, 1989, p.10), mediante o anseio de tentar gravar suas memórias, Rosa não tem controle de suas lembranças porque está sempre na solidão, embriagada, abandonada no seu quarto escuro idealizando a escrita de seu livro. Observamos que nas lembranças de Rosa Ambrósio havia um grande desejo em voltar a trabalhar como atriz.

Fui convidada, aceito, a peça é de Sartre, Reaparecimento de Rosa Ambrósio! Sucesso absoluto, coisa deslumbrante, a salvação pelo trabalho. Em seguida, as minhas memórias, tudo quanto é perna-de-

pau já escreveu as suas, por que não eu? Hem?!... As Horas Nuas, você aprovou o título, também eu nua sem tremor e sem temor (TELLES, 1989, p. 38).

Neste fragmento, Rosa delineia sua entrada triunfal aos palcos numa peça de Sartre, a qual faz alusão a um projeto, escrever suas memórias que será nomeado “As Horas Nuas”. Por esse viés: “também eu nua sem tremor e sem temor”, esta palavra “nua” podemos dizer representa o seu “eu” interior exposto nas páginas de um livro de memórias, pois escrever as memórias é relembrar o passado. Do ponto de vista de Stuart Hall, **identidade cultural na pós-modernidade** (2005), “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um eu” (p.13). Ao que podemos afirmar que ao narrar suas memórias reconstrói-se sua própria história, deixando de lado a velha identidade e construindo outra.

Sabemos que Rosa, por mais confusa que esteja, já sabe o que irá escrever em seu livro “As Horas Nuas”, aproveitando as ideias para que conquiste o seu público. Podemos dizer assim, “leitor”, da mesma forma em que conquistou suas plateias nos grandes palcos de teatro quando jovem. “Preciso aproveitar essa ideia nas memórias, acho deslumbrante ver o Bem e Mal - com letra maiúscula - confundidos numa coisa só, cozinhando no mesmo caldeirão”. (TELLES 1989, p.11). Ou seja, Rosa, em meio ao seu mundo “artístico”, vivenciava a todo o momento esse equívoco da sociedade entre o “Bem e Mal”, ela sabe que seu livro de memória incomodará aqueles que se dizem seus amigos.

Vou trabalhar o palco, adoro o palco com os invejosos mordendo o rabo feito escorpião, bem feito! Escrevo essa bosta de livro, memórias deslumbrantes, não o avesso, mas só o direito das coisas, uma *winner*! (TELLES, 1989, p. 41).

Quando Rosa defende seu ponto de vista em escrever só o “direito das coisas”, podemos pensar em coisas boas, que foram vivenciadas no passado, e “não o avesso” seria o presente no qual ela estava vivenciando. No entanto Rosa, em meio ao delírio não tem o controle de si mesma em fazer as coisas direitas para

escrever seu livro. Rosa estendeu-se no divã e começou por dizer que as coisas na lembrança ficam tão mais belas. “Viver infeliz na realidade e depois viver felicíssima na memória” (TELLES, 1989, p.73). Diante dessa memória em que ditava as coisas boas, lembranças do seu passado em que se dizia feliz, a atriz busca resposta para seu presente. Tal constatação nos leva a Anatol Rosenfeld (1969) quando afirma que, Em cada instante, a nossa consciência é uma totalidade que engloba, como atualidade presente, o passado e, além disso, o futuro, como horizonte de possibilidades e expectativas (p. 82). Se avaliarmos o pensamento de Rosenfeld, a questão é que nossa consciência engloba vários fatores do passado, assim podemos considerar que Rosa está condicionada a esta rotina, viver de lembranças em busca de novos horizontes para a atualidade.

A trama do romance **As meninas** se desenvolve em meio ao movimento da ditadura militar e grande parte deste movimento era formado por jovens estudantes, num período de engajamento político e cultural. Sendo assim, muitos escritores da época eram censurados e silenciados pela repressão, e manifestavam em suas obras vários tipos de inserção ideológica. Com base nesse “engajamento” podemos avaliar que o papel de Lygia Fagundes Telles foi expor os problemas da época, em seu romance **As meninas** causando emoções, e despertando sentimentos nos leitores, pontuando os conflitos da geração da época através das personagens Ana Clara, Lorena, Lia. Esse engajamento retratado no romance é que abarca a luta, o sofrimento presente em relação ao “outro”.

Partindo dessa constatação, o contexto mais importante em **As meninas** é justamente este momento em que através da escrita, os “artistas” e escritores tinham a oportunidade de expressar sem ser censurados. No decorrer do enredo, a personagem Lia nos direciona a essa conclusão. Lia uma ativista política de esquerda, se identifica como uma feminista, preocupada com as questões sociais das mulheres, inicia um romance. “Muito bem, muito bem. E o livro? Disseram-me que tem um livro quase pronto. Segundo a informação, trata-se de um romance” (TELLES, 1974, p. 19).

Maurice Blanchot (1987) afirma que, “O escritor nunca sabe que a obra está realizada, o que terminou num livro pode recomeçá-lo-á ou destruí-lo-á num outro” (p.12). Neste sentido, Lia escreve seu tão sonhado livro, em seguida não satisfeita rasga-o. “Rasguei tudo, entende – disse ela soprando a fumaça na minha cara. – O

mar de livros inúteis já transbordou. Ora ficção. Quem é que está se importando com isso” (TELLES, 1974,p.19). Lia enfatiza que rasgou o livro, isto nos leva a crer que foi em virtude da ditadura militar na qual os escritores não tinham “liberdade de expressão” e Lia se adequa nesta afirmação, vivenciava este contexto histórico. Contudo, do ponto de vista do crítico Blanchot (1987), podemos afirmar que a atitude da personagem escritora, Lia, pode ser entendida nestes termos: “Gostar de falar de tudo, de escrever sobre tudo; Assim, o todo disperso do mundo distraía-o do todo único da obra, da qual ele se deixava desviar amavelmente” (p.12).

Então, considerando a criticidade de Lia fazendo-a emergir do senso comum, “falava de tudo” e questionava tudo, as normas e as regras, diante de uma sociedade reprimida que permeia o universo feminino, mas, mediante a tanto questionamento em busca de liberdade de expressão.

O último véu! escreveria Lião, ela fica sublime quando escreve, começou o romance dizendo que em dezembro a cidade cheira a pêssego. Imagine, pêssego. Dezembro é tempo de pêssego, está certo, [...] mas concluir daí que a cidade inteira fica perfumada, já é sublimar demais. (TELLES, 1974,p. 3).

Neste fragmento, Lia rompe com as regras de padrão social e histórico no qual as mulheres não tinham liberdade de expressar e muitas se expressavam na escrita como podemos notar, “ela fica sublime quando escreve”. Ou seja, podemos considerar que Lia era umas dessas mulheres, porque quando escrevia se libertava das angústias que vivenciava perante a repressão, um mundo longe das guerrilhas, “A melhor coisa mesmo é ficar imaginando” (TELLES, 1974, p. 3). Podemos comparar esta conclusão da personagem com a afirmação de Agamben (2009) para quem:

Os homens são seres condicionados. Tudo aquilo com o qual eles entram em contato torna-se imediatamente uma condição de sua existência. O mundo no qual transcorre a *vita activa* consiste coisas produzidas pelas atividades humanas (p.17).

Mediante a condição de Lia, esta “atividade humana”, pode ser observada nos movimentos no quais Lia se envolvia, nas reuniões secretas contra o governo ditatorial, nas ações políticas e sociais em virtude da repressão, por isto eram passíveis de violências cruéis. Segundo Alfredo Bosi (1994), “**As Meninas**, de (1974), desenhou o perfil de um dos momentos da vida brasileira, em que o fantasma das guerrilhas é apreendido no cotidiano de estudantes burguesas”. (BOSI, p.420). Mas, em seu romance, Lia se manifestava diferente daquilo que se costumava vivenciar no seu cotidiano.

Mordendo um pêssego, lembra? Se eu escrevesse, começaria uma história com esse nome, O Homem do Pêssego. Assisti de uma esquina enquanto tomava um copo de leite: um homem completamente banal com um pêssego na mão. (TELLES, 1974, p.4).

Desta maneira, podemos considerar que o ato de escrever o romance para Lia, era um ato de liberdade, em que as pessoas podiam caminhar livres nas ruas sem medo de represália, um “homem banal” desvinculado da realidade se deixando levar pelo sentimento.

Conforme Blanchot (1987), “aquele que vive na dependência da obra, seja para escrevê-la, seja para lê-la, pertence à solidão do que só a palavra ser exprime. Palavra que a linguagem abriga dissimulando-a ou faz aparecer quando se oculta no vazio” (p.12). Com embasamento nas atitudes de Lia, notamos que ao escrever a sua obra, é um momento de solidão, no qual se isola e se perde no vazio existencial, buscando uma nova identidade na criação de seus personagens. A fim de corroborar com esta constatação nos valem neste momento do artigo, “**A criação do texto literário**” in **Flores da Escrivania**, (1990) de Leyla Perrone-Moisés, no qual temos:

O horizonte da literatura é sempre o real que se pretende representar em sua dolorosa condição de falta ou representar numa proposta alternativa de completude. Mas, por ser linguagem, a literatura nunca pode ser realista (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 106).

Portanto, Lia apoia-se neste horizonte como uma alternativa de completude, sendo que no seu cotidiano vivenciava essa “falta”. Como podemos perceber nas entrelinhas a seguir.

Ninguém na janela para me chamar? Ninguém. “perdão, foi engano”, disse voz opaca, toda voz de engano fica opaca. Imagine se Lião escrevesse nesse tom assim opaco. Tão nítida. Nítida demais, os entendidos querem opacidade na linguagem, uma certa névoa confundido sutilmente a silhueta das palavras. Biombos nas entrelinhas guarnecendo (amo essa palavra, guarnecendo) o mistério das letras. E as letras sem ministério em pleno coito com o Demônio. Há orgasmo? O demônio vai e vem por linhas tortas trançando os cabelos das amadas em nós inextricáveis. E quem vem trançar o meu cabelo? (TELLES, 1974, p.91).

O que observamos nas entrelinhas, por mais que Lia se veja cansada com a “voz opaca” ela não pode expressar essa opacidade, em seu romance, teve que deixar-se induzir pela imaginação, ser livre, “da precariedade da sua situação no mundo caótico”, conforme Rosenfeld (1969, p.86). Observamos que Lia expõe de modo sutil sua angústia, a qual brinca com as palavras, metaforizando em seu livro. Mas, assim vislumbramos a tentativa de Lia em deixar de lado sua identidade antiga ao se estabilizar em seu livro, designando novos horizontes. “Tão lúcida quando fala, mas quando escreve fica tão sentimental, oh, a lua, o lago”. (TELLES, 1974, p.19). Percebemos que por meio da escrita, o sentimentalismo de Lia se aflora, pois permite que vivencie através de seus personagens uma realidade representada. Tal realidade permite que se construa um jogo de sentimentos. Estes se contrapõem em meio às interrogações e as contradições da realidade mediante os movimentos ditatoriais nos quais está inserida.

Nestas contradições notamos que a personagem Lia ao se deparar com tantas repressões e violências em uma conversa com a amiga Lorena, conta que rasgou o livro. “Contei que rasguei meu livro e foi como se dissesse que rasguei o jornal”. (TELLES, p.19). Diante de tal afirmação podemos considerar Lia como uma escritora consternada por não ter obtido êxito em seu romance, pois refuta-o por trazer questões pessoais, mediante essa culpa traz consigo a frustração e

descrença. Do ponto de vista de Proença Filho (1988), “frustrado diante da realidade presente, sem esperanças de futuro, o homem contemporâneo parece ter assumido a passividade do conformismo, a busca nostálgica do passado” (1988, p.35).

Dentro dessa linha de raciocínio se avaliarmos os romances **As Horas Nuas** e **As meninas**, ao destacarmos as personagens Rosa Ambrósio e Lia, vive um conflito existencial consigo mesma, na tentativa de concluir seus romances, em busca de uma nova identidade. Pontuando a respeito, se considerarmos a personagem Patrícia escritora no romance **Verão no aquário** (1998) de Lygia Telles, também vivencia esse conflito existencial no momento em que decide adiar a conclusão de seu livro. Tal conflito se destaca ao longo do enredo na trajetória das personagens, em busca de uma nova identidade, como se fosse um labirinto, permitindo ao leitor adentrar nos seus mundos de complexidades. Logo, as personagens se identificam em vários aspectos, dentro do contexto feminino, ao escrever seus romances, buscam uma independência visto não possuí-la. Para isso, tanto Rosa Ambrósio como Lia e Patrícia escolhem a ficção “literária” como alternativa para escapar do cotidiano, já que a função de escritoras lhes permite libertar-se da opressão gritante que a sociedade impõe.

Assim, visualizamos que a autora Lygia Telles destaca em suas obras a desconstrução familiar, evidenciando um perfil moderno neste sentido, percebemos nas personagens Rosa, Ambrósio e Lia que suas atitudes são independentes. Então, destacamos Rosa uma ex-atriz autônoma, abandonada pelo amante e pela filha, mergulhada em suas memórias, vive suas histórias nas lembranças do passado. Isto pode ser entendido à luz do pensamento Stuart Hall (2005, p. 24), para quem, “uma vez que o sujeito moderno emergiu num momento particular e tem sua história”. Como vimos, em **As Horas Nuas**, de fato, Rosa se permite viver algo novo no passado, que não é mais visto como passado, que envolve o presente, passado e futuro. Mas na atualidade sai de um lugar do senso comum, podemos dizer assim, em busca de libertar-se daquilo que a atormenta no presente, numa passagem em **As Horas Nuas**, “viver infeliz na realidade” (TELLES, 1989, p 73).

Lia, uma jovem feminista contra a submissão das mulheres num mundo patriarcal. Isto se entendermos do ponto de vista de Linda Hutcheon, “as mulheres eram consideradas como parte da propriedade acumulada por seus maridos” (HUTCHEON, 1991, p.91). Diferente do padrão social da época, Lia contestava o

“machismo” perante a sociedade, participando dos movimentos feministas. Diante do exposto, podemos considerar a personagem Lia, como uma mulher “moderna” que estava à frente de uma organização em protesto, com objetivo de romper com a corrente de subordinação que a mulher tinha para com aquilo que foi convencionalizada.

Se compararmos a semelhança existente nas “obras” das personagens Rosa Ambrósio e Lia, tendo em vista a similaridade entre elas, podemos acompanhar os acontecimentos oriundos dessas “obras”. Rosa Ambrósio em busca de uma nova identidade decide escrever sua história, desta forma em seus devaneios não sabe se escreve sobre seu passado pessoal ou um romance, o qual intitula: “As horas Nuas”, você aprovou o título, (TELLES,1989, p.38). Por outro lado, a personagem Lia, feminista em meio à violência na qual o “povo” não podia se expressar, inserida num movimento perseguido pela ditadura militar, se dispõe a escrever um romance, mas mediante tantas situações violentas, sua escrita se torna algo pessoal. “Gostaria de escrever um diário” (TELLES,1974, p.22). Entendendo tais posturas, segundo Anatol Rosenfeld,

O sentimento dessa consciência infeliz suscita uma verdadeira angústia. Gerações inteiras de artistas e intelectuais procuram reencontrar uma posição estável e essa procura, resultado e causa de uma instabilidade cada vez maior, exprime-se no estado de pesquisa e experimentação no romance (1969, p.88).

De acordo com Rosenfeld, podemos entender essa instabilidade das personagens nas atitudes de Rosa Ambrósio e Lia, porque ambas se dispõem a escrever seus romances, almejando encontrar respostas para seus questionamentos. Rosa, ao escrever, destaca-se impregnada da arte de representação e inquietação. Lia, por sua vez, ao escrever se perde no romance retratando sentimentos os quais vivenciava. Nessa perspectiva, podemos considerar uma crise de identidade e o desdobramento das personagens consiste na duplicação de personalidade. Sendo que no enalço da construção ficcional dos romances de Rosa Ambrósio, antes de começar a gravar suas memórias era uma atriz famosa que atuava no teatro, e venerava sua beleza, “quando nos olhávamos

eu via minha beleza refletida nos seus olhos”, (TELLES,1989, p.10). Por outro lado, Lia, antes de ingressar na faculdade vem de uma família amorosa e tradicional, mas mediante seu comportamento, percebemos que ela era contra o tradicionalismo patriarcal da época e ao entrar na faculdade passa a defender radicalmente a liberdade das mulheres. Diante do exposto, entendemos que as personagens, desde o momento em que decidem escrever seus romances, direcionam-nos para um caminho de liberdade.

Diante disso, observamos enquanto leitores, o deslocamento das personagens em processos de insatisfação, mesclando entre o romance, a história, e a “autobiografia”; a realidade e a história se fundem à ficção. As personagens saem da rotina na qual estão presas, amarradas, alienadas e em meio a tantos acontecimentos ruins, o mundo perdeu o encanto para as personagens. Assim, podemos intuir conforme Stuart Hall (2005)

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (p.13).

Notamos então por este argumento do teórico Hall, em que se inserem as personagens Rosa Ambrósio e Lia seus diferentes momentos em relação à insatisfação no mundo fragmentado. Tais momentos se mesclam nos comportamentos das personagens, Rosa por viver uma vida de representação e Lia por estar envolvida com o movimento feminista. Rosenfeld (1969, p. 85) nos esclarece que “neste processo de desmascaramento foi envolvido também o ser humano. Eliminado ou deformado na pintura, também se fragmenta e se decompõe no romance”. Podemos entender que o teórico declara que nos romances modernos há um desmascaramento do ser humano, no sentido de pontuar sua verdadeira essência, ou seja, ele se decompõe. Essa “decomposição” da qual nos situa Rosenfeld, podemos pensar nas bebedeiras de Rosa Ambrósio que vive imersa na dormência.

Enfim, aconteceu. Estou tão emocionada que nem consigo botar a cabeça e o resto em ordem e não bebi uma gota, inquietação pura. Desassossego. Então liguei este gravador e resolvi ir falando o que me der vontade de falar e este será um capítulo das memórias que estou começando agora, atenção, *Carpe diem?*(TELLES, 1989, p.175).

Em suma, podemos salientar que ocorre um encontro de Rosa Ambrosio consigo mesma ao mencionar que será um capítulo das memórias, pois esta começa a se ver espelhada nas ações, cujos acontecimentos e comportamentos se alimentam do passado.

Nesta linha de raciocínio de Rosenfeld, entendemos Lia uma revolucionária, participante ativista, vive conturbada no seu mundo cheio de questionamentos, se “decompondo”, arrependida de ter rasgado seu livro, conforme verificaremos.

Contei que rasguei meu livro e foi como se dissesse que rasguei o jornal. Não gosta do que eu escrevo. Ninguém gosta, deve ser uma bela merda. Mas as pessoas sabem o que é bom? O que é ruim? Quem é que sabe? E se for válido? Não devia ter rasgado coisa nenhuma. Mas sei de cor, posso aproveitar o texto talvez num diário. Estilo simples, direto. (TELLES,1974, p. 22).

No entanto, ressaltamos que a ideia de escrever obceca a personagem Lia, embora mude seu formato, por julgar estar voltado a questões pessoais, em detrimento do engajamento social. Portanto, gostaríamos de enfatizar a desolação existencial que acompanhamos nas personagens Rosa Ambrósio e Lia que nos esclarece momentos incertos sobre suas vidas, um mundo sem sentido, repleto de contradições. Assim, elas vivenciam o desfalecimento da identidade, inacabadas e confusas.

Conforme observamos, no que se refere ao contemporâneo, a descontinuidade, frustração, uma solidão existencial, ocorre-nos, mencionar Proença Filho (1988) quando, “frustrado diante da realidade presente, sem esperanças de futuro, o homem contemporâneo parece ter assumido a passividade do conformismo, a busca nostálgica do passado” (1988, p.35). Algo que o homem

moderno de nossos tempos carrega consigo, a descrença, frustração neste mundo fragmentado, do pós-modernismo. Isto do ponto de vista de Linda Hutcheon, (1991) é visto como:

O pós-modernismo ser sobredefinido e o mais subdefinido. Ele costuma ser acompanhado por um grandioso cortejo de retórica negativizada; ouvimos falar em descontinuidade, desmembramento, deslocamento, descentralização, indeterminação e antitotalização. (HUTCHEON, 1991, p. 19)

Tais considerações nos levam a compreender este fenômeno contraditório pós-moderno na literatura, essas alterações foram provocadas numa cultura pluralista e complexa.

Salientando que a obra ficcional de Lygia Telles, **As Horas Nuas** considerada nesta pesquisa como pertencente ao pós-modernismo remete-nos a observar as atitudes da personagem Rosa Ambrósio, que ao gravar suas memórias intitula seu romance como “As Horas Nuas”. Assim, vislumbramos que o fato da obra de Rosa Ambrósio ser intitulada com o mesmo nome da obra a qual ela se insere como personagem, nos leva induzir que se trata de um “momento íntimo”, ou seja, um momento de liberdade. Tais considerações são um convite ao leitor a refletir ao longo da obra ficcional de Lygia, nos momentos em que Rosa Ambrósio se isola em seu apartamento para gravar suas memórias contraditórias.

Do ponto de vista de Stuart Hall (2005), “os sentimentos contraditórios e não resolvidos que acompanham essa difícil entrada (...) permanecem com a pessoa por toda vida.” (p.38). De acordo com as leituras feitas, nos romances de Lygia Telles, cogitamos que esta contradição interfere na produção da personagem Rosa em não terminar seu romance, isto está de certa forma estritamente relacionado ao que podemos chamar de crise de identidade. Acreditamos que a autora Lygia ao deixar essas lacunas entreabertas evidencia o cotidiano na contemporaneidade, em fazer várias coisas ao mesmo tempo e não terminar, uma crise de identidade que é impermeável na sociedade de hoje. Logo, a linguagem de Lygia neste romance pode ser entendida como “mimese” deste processo de crise.

Podemos intuir que Lygia Fagundes Telles ao nomear o romance como **As Horas Nuas**, faz um entrelaçamento entre os dois romances transmitindo para a

personagem Rosa Ambrósio um ato de total “liberdade e expressão”, na qual podemos pensar que as identidades da personagem e da autora Lygia se mesclam em alguns momentos, apontando a fraqueza da sociedade de modo geral e por que não da própria autora a “verossimilhança”. Por outro viés, o romance de Rosa Ambrósio “As Horas Nuas”. “Horas” nos dá ideia de tempo, e Rosa ao gravar suas memórias volta no tempo lembrando momentos preciosos da vida, e dentre esses momentos lembra com pesar sua beleza. Sendo assim, Rosa expõe sua resistência na passagem do tempo, vive o drama da velhice não assumem que a juventude se foi, a desnudes de Rosa revela-se frente ao espelho, ou seja, o tempo é algo que não se controla.

II CAPÍTULO

LITERATURA E PÓS-MODERNIDADE

Por meio do texto Literário o homem se descobre, criado num mundo diferente daquilo que o atormenta no cotidiano. A literatura causa uma inquietação no ser humano que leva o indivíduo a sair do senso comum, conforme as pesquisas de Mário Vargas Llosa, **A verdade das mentiras** (2004), “toda boa literatura é um questionamento radical do mundo em que vivemos” (p.359). Ou seja, o indivíduo aprende a dizer não às regras e convenções, a literatura nos oferece a liberdade de expressar. O texto literário desencadeia no homem uma reflexão da condição humana, a qual o mesmo se lança nesse mundo para suprir uma falta que chamamos de “real”.

Salientando que o tema “literatura”, na obra **O demônio da teoria** (2010) de Antoine Compagnon, ressalta que a literatura fala de um mundo e de si mesma. Essa afirmação de Compagnon nos remete ideia de que a literatura se interessa pelo real para construir um mundo fictício. Nesse sentido, o homem se vê no “mundo ficcional” e cria uma imagem do que lê, com isso descrevemos que a literatura abre o horizonte para o indivíduo fazendo-o sair do cotidiano e se tornar um ser pensante, capaz de refletir sobre si mesmo, formando cidadãos críticos e independentes, difíceis de manipular. Mas, nem todos pensam e compreendem assim, essa riqueza de conhecimento que as obras literárias nos oferecem, não é perceptível a um leitor leigo, pois não compreende o que já está posto. Sobre isto Vargas Llosa (2004) comenta:

Uma humanidade sem leitura, não contaminada de literatura, parecer se-ia muito com uma comunidade de gogos e de afásicos, afetada por tremendos problemas de comunicação devido a sua falta de linguagem grosseira e rudimentar. [...] Uma pessoa que não lê ou que lê pouco, ou que só lê lixo, pode falar muito, porém, dirá sempre poucas coisas porque dispõe de um repertório mínimo e deficiente de vocábulos para expressar. (p.355)

A boa literatura é essencial, nos proporciona questionamentos fantásticos que nos fazem pensar. Vale ressaltar que em meio a tantos questionamentos a sociedade foi gradativamente mudando, ao passo que grandes escritores tiveram que adequar-se aos moldes da sociedade moderna. Com o surgimento da literatura pós-moderna, percebemos várias alterações no mundo ficcional no qual as personagens são fragmentadas e pluralistas, sendo que essas alterações se manifestam no importante conceito pós-moderno. Conceituando a Literatura pós-moderna conforme a **Poética do pós-modernismo** de Linda Hutcheon (1991), temos: “problematiza tanto a natureza do referente como a relação dele com o mundo real, histórico, por meio de sua combinação paradoxal da auto reflexibilidade metaficcional” (p.38).

O leitor diante da metaficção no pós-modernismo torna-se importante para o estudo que preza pela imaginação e realidade, pois, no passado longínquo, grande parte da sociedade medieval não tinha acesso aos livros, mas na pós-modernidade discute-se de forma tranquila a relação entre “arte e vida” que propicia momentos de dúvidas e questionamentos. Nesta linha de raciocínio, Linda Hutcheon (1991) aponta como distinção, do momento relacionado à conciliação que, “a metaficção historiográfica sugere que verdade e falsidade podem não ser mesmo os termos corretos para discutir a ficção e sim que existem *verdades* no plural, e jamais uma só Verdade”. (HUTCHEON, p. 146). De acordo com o pensamento da teórica, essa noção de *verdades* nos proporciona entender a literatura como criação, algo que o ser humano vivencie a todo tempo, ou seja, direciona o indivíduo sair do senso comum. Antes de fazer os devidos apontamentos do pós-modernismo nas obras, faz-se necessário uma reflexão sobre alguns de seus aspectos. Como ocorreu no Brasil, num período de guerras, momento este que surge às novas mudanças.

O pós-modernismo surge em um sistema pulverizado de controversas e deliberadamente histórico e político, sendo impossível fazer uma análise clara do que realmente se designa o movimento, pois o pós-modernismo é nascente de uma origem frustrada, podemos dizer assim. No qual se evidencia um fenômeno contraditório, em que o individualismo permanece. Tendo em vista que este fenômeno sofrido pelo indivíduo causa uma desreferencialização, descentralização, conforme Linda Hutcheon, são conceitos desafiadores que antes eram aceito agora são “teorizados”.

Discorrendo ainda sobre o individualismo temos uma sociedade em que predomina o “eu” e não os outros, o que por sua vez gera uma crise de identidade social e cultural culminando no esvaziamento de si próprio e do mundo, em busca de uma totalidade que jamais poderá ser atingida. Conforme Stuart Hall (2005). “É agora um lugar comum dizer que a época moderna fez surgir uma forma nova e decisiva de individualismo, no centro da qual erigiu-se uma nova concepção do sujeito individual, (p. 24).

Salientando que mudanças foram provocadas mediante uma sociedade crítica, perante o comportamento cultural e social antes do pós-modernismo. Portanto, a cultura de hoje é contraditória em meio a tantas inquietações dos seres humanos. Tais contradições abordadas no pós-modernismo não são um paradigma relâmpago. São questões históricas que tem inquietado o ser humano e que no presente momento não são mais camufladas.

Diante do contexto histórico que é inserido nas obras de Lygia Telles, **As Horas Nuas (1989)** e **As meninas (1974)** podemos considerá-los romances pós-modernos com a inserção nas narrativas da representação de personagens femininas com um perfil questionador. Nisto compartilhamos com a pesquisadora americana, nos romances sobre os quais nos atentamos neste trabalho, foi possível perceber essa inserção. Sendo assim, literatura feminina emergiu com ênfase ao longo dos anos nas configurações sócio-culturais da pós-modernidade representada e discutida criticamente nos textos literários.

Logo os grupos feministas estavam muito fortes, nos quais as mulheres promoviam as classes individuais, independentes intelectualmente, manifestações essas de seduições que liberarão as identidades pessoais em seus contextos históricos. Essas concepções históricas nos permitem fazer um entrelaçamento entre a literatura e a pós-modernidade. Tendo em vista que a literatura pós-moderna tem princípios de criação de histórias passadas, assim podemos intuir conforme Linda Hutcheon (1991) “autêntica historicidade que é, em suas palavras, nosso presente social histórico e existencial passado como referente”. (HUTCHEON, p.45). Passado que embora fosse proibido e agora restaurado em um momento histórico.

As obras de Telles fazem-nos refletir sobre a condição e a natureza do homem através das personagens. Nesse sentido os seres fictícios de Lygia Fagundes se iniciam com várias mudanças em uma sociedade a qual era marcada

por posições ideológicas bem definidas. Podemos suscitar que o conceito de mulher patriarcal era marcado pelo silenciamento e maternidade, na qual as mulheres não podiam pronunciar diante de certas situações. Mas, com o movimento feminista as mulheres aos poucos foram conquistando seu espaço. Evidenciamos com Clarice Lispector, que de certa forma serviu como ponto de partida para que outras autoras pudessem lançar suas obras, que até então estavam arquivadas. Se avaliarmos o pensamento de Hutcheon, “desejam contestar os modos culturais dominantes (patriarcado, capitalismo, humanismo, etc.), ao mesmo tempo sabendo que não pode se desembaraçar completamente deles” (HUTCHEON, 1991, p. 2). Lygia em seus romances rompe esse “tabu” na pós-modernidade, abrindo espaço para uma literatura diversificada, esses aspectos parecem ser intrínsecos nos romances **As Horas Nuas** e **As meninas** através do perfil de suas personagens, Rosa Ambrósio e Lia, sendo elas problemáticas; amores, paixões, casamentos, desmistificação dos papéis familiares, decadência e crises de identidades nas quais se destacam na pós-modernidade. Tais problemáticas segundo Linda Hutcheon (1991):

Ela parece estar inevitavelmente vinculada àquele conjunto de pressupostos culturais e sociais contestados que também condicionam nossas noções sobre a arte e a teoria atuais: nossas crenças em origens e finais unidade e totalização, lógica e razão, consciência e natureza humana, progresso e destino, representação e verdade, sem falar nas noções de causalidade e homogeneidade temporal, linearidade e continuidade (HUTCHEON, p.120) .

Pensando desta maneira, a autora Lygia Fagundes Telles utiliza dessas problemáticas cotidianas em suas obras que condiciona a consciência e natureza humana. Para tanto, no romance **As Horas nuas** apresenta um enredo que critica a sociedade de consumo quando discute-se aspectos relacionados memória por meio da representação de uma atriz alcóolatra, Rosa Ambrósio, que está preocupada apenas com sua imagem, quando pensa em escrever seu romance. Diante da memória de Rosa Ambrósio em momentos de embriaguez, o leitor se depara com a falta de empatia da mesma. Já no romance **As meninas** são retratadas as três universitárias e cada qual possui um jeito de vida diferente, ou seja, o conceito da diferença envolve uma contradição, interior. Na qual se destaca as personagens Rosa Ambrósio e Lia, em almejar escrever um livro e não terminar, visto que está

contradição interior é algo que “persegue” o homem contemporâneo também, podemos chamar de “ansiedade”. Salientando, que a ansiedade fora de controle acarreta vários fatores se tornando algo inacabado. Dessa forma, podemos entender que Lygia Fagundes representa aqui aspectos importantes da vida contemporânea. Estes aspectos do romance pós-moderno do ponto de vista Hutcheon (1991).

Obras pós-modernas como essa contestam o direito da arte no sentido de afirmar que insere valores temporais universais, e o fazem por meio da tematização e até da encenação formal da natureza de todos os valores, que depende do contexto (HUTCHEON, p. 123).

Se avaliarmos o pensamento de Hutcheon nas obras pós-modernas, não há uma linearidade na história e sim uma descentralização, já que o mundo pós-moderno é fragmentado devido à complexidade do homem, pautando-se no caos do cotidiano. Entretanto, o pós-modernismo na vida do homem passa ser uma válvula de escape. Neste tempo novo, temos novos valores, os quais banaliza em algumas histórias a estrutura familiar como pai, mãe e filhos. Podemos considerar que o declínio familiar vem sendo evidenciado no pós-modernismo, aonde os valores vão se perdendo, gerando frustrações entre pais e filhos, com conflitos conjugais. Tais conflitos entre pais e filhos englobam a falta de tempo, diálogos, isso causando um isolamento entre as famílias. Nesta perspectiva, entendemos que nos romances **As horas Nuas** e **As meninas** de Lygia representam aspectos predominantes da pós-modernidade tais, como a desestrutura familiar em relação às personagens Rosa Ambrósio e Lia.

A cultura pós-moderna nos leva crer que as famílias desestruturadas estão voltadas para bens financeiros. Segundo Fredric Jameson, “a cultura do simulacro entrou em circulação em uma sociedade em que o valor de troca se generalizou” (JAMESON, 2000, p. 45). Por intermédio do teórico compreendemos que as pessoas contemporâneas estão voltadas para o consumismo, preocupadas com questões sociais. Por conseguinte, o crescimento dos conflitos sócio-políticos e de consumo desenfreado, contribuem para perda dos valores éticos e morais neste panorama caótico que se projeta o pós-modernismo.

Neste sentido podemos observar que no início do romance **As Horas Nuas**, a personagem Rosa Ambrósio, embriagada, expõe por meio do monólogo interior

resquícios de mundo que aborda problemas sociais aflitivos à sociedade. Isto que se configura no romance em alguns momentos nos leva a refletir sobre a sociedade capitalista, em que o tempo aludido é o da tecnologia, que entrou para o futuro, cada dia se cria, se inova. (...) A televisão. Começaram a usar crianças nos anúncios de máquinas, sorvetes, refrigerantes. (TELLES, 1989 p, 17). Assim, está explícito que até as crianças estão expostas, há esses fatores capitalistas na contemporaneidade na qual são exploradas. A este respeito Stuart Hall (2005) nos esclarece que “a tendência à globalização está profundamente enraizada na modernidade” (p. 68).

Já o romance **As meninas** consideramos pós-moderno devido o contexto histórico e político do qual a obra apresenta, do ponto de vista de Linda Hutcheon (1991):

Sua história em relação ao modernismo e aos anos 60; seu modelo estrutural proveniente da arquitetura, que foi a primeira a utilizar a denominação; sua relação com os discursos minoritários "excêntricos" que o modelaram; os desafios que fez àquelas teorias e práticas que eliminam a "localização" do discurso produção, recepção, contextos histórico/ social/político/estético (1991, p.14).

Nossa leitura da obra lygiana se depara com as três adolescentes universitárias, de modo a trazer reflexões históricas sobre o estado opressor da cultura da época. Ao observarmos a construção ficcional dos dois romances, **As Horas Nuas** e **As meninas**, percebemos o modo pelo qual a subjetividade se mescla nas personagens deixando-as cair no vazio, solidão da existência na pós-modernidade. Assim, as identidades das personagens vão se mesclando no sofrimento de entender as facetas e sequência dos “fatos” da vida. Segundo Stuart Hall, o sujeito pós-moderno não possui uma identidade fixa, mas sim inúmeras identidades que vão mudando a todo instante. Então, essa mudança de identidade da qual nos situa Stuart Hall são notadas ao longo das obras nos monólogos das personagens Rosa Ambrósio e Lia.

As obras aqui estudadas representam os conflitos do ser humano na contemporaneidade conforme já mencionado. Logo, as narrativas clássicas se diferenciam da narrativa na pós-modernidade. Sobretudo nos romances **As Horas Nuas** e **As meninas**, pois evidenciam uma diversidade de vozes individuais polifônicas marcantes do pós-modernismo. Neste sentido, os nossos valores são

definidos baseados nessas vozes em nossa constituição. Tais vozes estão presentes nos discursos que produzimos de forma consciente, elas se entrelaçam e contradizem a todo instante. Isto segundo Mikhail Bakhtin (1998) **na Teoria do romance**: “O romance é uma diversidade social de linguagens organizadas artisticamente, às vezes de línguas e de vozes individuais” (p.74). Ao que nos favorece perceber esse jogo de polifonia abaixo:

Diogo deu uma resposta meio vaga, a sugestão teria sido de Cordélia ou Dionísia, não lembrava. Você estava com ataque, não pude esperar. Ataque. Comecei a chorar baixinho. Nunca Gregório falaria assim comigo e eu o traí com esse moleque e agora ele estava morto (TELLES, 1989, p. 51).

Vai ver, quebrou pelo meio na hora em que entrou naquela cabeleira, baiano tem o cabelo muito duro. “Mas de que jeito você queria que fosse”? Ela repetiu e eu respondi que esperava que fosse como nos romances que escrevia, imagine se alguma das personagens da tal cidade cheirando a pêssego vai ter relações com um homem por puro ato de libertação. E logo na primeira vez. Vejo hoje que perdi uma boa oportunidade de calar o bico. Acabou rasgando o romance, coitadinha. Sabe agora que não está em nenhum artigo do código que mulher inteligente precisa escrever livros. (TELLES, 1974, p.158).

Nos romances a polifonia denuncia uma estratégia da arte pós-moderna, como ensina Hutcheon, (1991) “uma arte de inquietação que não tem nenhuma plateia claramente definida além daqueles que se predispõem a dúvida e busca” (HUTCHEON, p.66). Tais reflexões podem suscitar a pensar que a polifonia se faz notar de forma mais intensa nas novas dimensões de mundo, essas vozes nos situa Bakhtin, são explícitas no decorrer dos romances **As Horas Nuas** e **As meninas**. Temos ainda o pensamento de Anatol Rosenfeld na mesma perspectiva reflexiva segundo a qual, o indivíduo desenvolve-se na polifonia. Essas vozes aparecem impregnadas ao longo do enredo nas ações das personagens denunciando os conflitos existenciais da sociedade. Para complementar esta linha de raciocínio, vale salientar que os textos fictícios de Lygia Fagundes nos levam a perceber um jogo metanarrativo.

Ampliando o leque interpretativo, por intermédio das personagens na tentativa de escrever o livro, é possível observar o processo da metanarrativa em meio às oscilações das obras, podemos considerar como “duplo”. Para acompanhar esta conclusão do pesquisador Clément Rosset, na obra **O real e seu duplo: ensaio sobre a ilusão** (2008), vemos tratar-se da questão com base numa perspectiva filosófica, considerando o duplo como rejeição do real. Conforme Rosset, a noção de duplo “Nada distingue, na realidade, esse outro acontecimento do acontecimento real, exceto esta concepção confusa segundo a qual ele seria, ao mesmo tempo, o mesmo e um outro, o que é a exata definição do duplo” (p.46).

Dessa forma, compreendemos que duplo se manifesta na imaginação de uma mesma personagem, como multifacetada num mundo ficcional. O encontro com o duplo desencadeia no indivíduo uma inquietação e desestabilidade do mundo real, visto que esse desdobramento direciona a questionamentos resultando no confronto do eu interior.

Nesta percepção podemos considerar nas obras de Lygia a noção do “duplo” um romance dentro de outro romance, visto que as personagens encontram-se numa crise de identidade, sendo importante para entendermos essa elocução pós-moderna de questionamentos da própria literatura.

O enredo das obras **As Horas Nuas** e **As meninas** tece comentários os quais nos direcionam a refletirmos nessas questões. Lorena ao criticar Lia por não repetir no romance que “escreve” a condição de mulher engajada. Da mesma maneira Rosa Ambrósio se diz: “Experimentar as canetas, uma de cada cor, escrever? Ainda não, escrever ainda não consigo, estou excitada, tinindo, por enquanto só posso falar, é o que estou fazendo enquanto colho o dia quente como café”, (TELLES,1989, p. 177).

Diante de tal contextualização, o “duplo” texto, dentro de um texto pode suscitar no desenvolvimento de uma metanarrativa já mencionado. Tais posturas das personagens podem ser vista como um diferencial nas obras da pós-modernidade. Logo se percebe que Lygia Fagundes utiliza dessa metanarratividade causando um estranhamento, visto que só a literatura é capaz de causar esse impacto no leitor, ou seja, um texto que está sendo escrito dentro do próprio enredo do romance. Ao atentarmos a essas observações na literatura de Lygia Fagundes Telles vale ressaltar que na obra de Clarice Lispector **Um Sopro de Vida** (1978)

expõe essa mesma textura relacionado metanarrativa. O protagonista denominado “Autor” ao escrever um livro cria uma personagem Ângela Pralini e a mesma tenta escrever um romance enquanto contracenando com o “Autor”.

Dessa maneira na criação de Ângela o mesmo encontra nessa personagem várias personalidades que se delineiam e também sofrem como o próprio Autor, transformação de identidade, pois permite que ela vivencie no seu inconsciente uma realidade representada, assim, constrói um jogo de sentimentos. Ou seja, um romance dentro do outro, essas vozes se confundem e se contemplam no processo de narração. Como atesta Hutcheon (1991), “o local das relações produtivas, do envolvimento da subjetividade no sentido e em valores, questionando de forma subjetiva as posições disponíveis para as mulheres” (HUTCHEON, p. 206).

Tal subjetividade está na memória das personagens, podemos considerar que o romance em si, gira em torno dessa subjetividade por estar sempre interrogando o passado, na busca de recurso para o presente. Diante de tantas buscas frustradas podemos considerar que o homem está impermeabilizado no movimento modernista. Este visivelmente baseia-se numa vida “dinâmica”, voltada para uma literatura interior e inovadora, cuja proposta é de libertar-se com toda a desenvoltura e a desmistificação do aprisionamento do seu interior. Logo, considerando a produção “literária inacabada” de Rosa Ambrósio ao gravar suas memórias e Lia ao escrever seu romance, estas personagens deixam levar-se pelo lado pessoal, sofrendo oscilações cuja proposta é de libertar-se do aprisionamento de um passado sombrio. De acordo com Alfredo Bosi em **História concisa da literatura**, trata-se de “um romance de tensão interiorizada, o herói não se dispõe a enfrentar o paradoxo ou o mundo pela ação: evade-se, subjetivando o conflito” (BOSI, 1994, p.392). Isto que podemos considerar um deslocamento de ideias abordadas no pós-modernismo, de acordo Hutcheon (1991), “O pós-modernismo não é, de forma alguma, absolutista; ele não diz que é impossível e inútil tentar e conseguir estabelecer alguma ordem hierárquica, algum sistema de prioridades na vida”, (HUTCHEON p.67). No que refere-se às obras inacabadas das personagens de Lygia, de acordo com o pensamento Hutcheon, não é impossível tentar, para tanto as personagens ao se colocarem na disposição de escrever seus romances, não conseguem por serem traídas pela subjetividade conforme já mencionado. Ou seja, podemos considerar que os romances das personagens estão permeados de

elementos “estéticos” considerados do pós-modernismo por possuir uma narrativa fragmentada. Embora, não sigam uma linearidade e sim, uma descentralização que focaliza a atitude e postura do homem atual. Contrapondo às narrativas tradicionais que eram constituídas por uma estrutura linear, como argumenta Stuart Hall (2005), “A narrativa traduz os eventos numa sequência temporal começo, meio e fim” (p.70). Pensando assim, com as modificações que foram acontecendo no decorrer dos romances no pós-modernismo, muitos escritores invalidaram esta regra da linearidade, proporcionando ao leitor uma nova concepção de leitura.

Contudo, a essência humana torna-se evidente nas obras inacabadas das personagens lygianas, nelas há uma reflexão sobre a condição humana, a qual é mostrada desde um contraponto na inserção da vida cotidiana do homem. Tal inserção é observada no sentido de começar alguma coisa e não terminar, sempre fica pela metade, traz uma problematização ao leitor. Nesta perspectiva, as obras de Lygia Fagundes Telles evidenciam uma incompletude das personagens e do ser humano na pós-modernidade. Visto que estes romances, **As Horas Nuas** e **As meninas** inserem-se em um contexto significativo na literatura brasileira.

III CAPÍTULO

OBRAS INACABADAS NA PÓS-MODERNIDADE

Ao longo dos anos a fragmentação tem ganhado espaço na literatura pós-moderna com diferente modo de narrar, sendo estampada na busca interior do ser humano. Nos romances pós-modernos notamos uma narração descontínua, mediante a não linearidade com resquícios do passado. Como exemplo desta tendência, ao lermos criticamente as obras de Lygia Fagundes, observamos que revela uma intensa fragmentação na composição das narrativas.

Conforme detectamos, nos romances **As horas Nuas e As meninas**, suas estruturas mudam, oscilam entre o passado, presente e futuro entrando em colapso. Desse modo, a narrativa já não apresenta uma estrutura regular e as personagens fragmentam-se em uma sociedade já em dissolução, pois arrebatadas pelo tempo que as consome, não têm mais certeza da própria existência e do mundo que as cercam. No romance **As Horas Nuas**, encontramos Rosa Ambrósio na tentativa de escrever um livro, ela decide gravar suas memórias, relembra partes de sua infância, adolescência, juventude e velhice. Contudo, o enredo consiste em fragmentos “confusos” e inicia com Rosa Ambrósio bêbada em seu quarto, no momento presente da história:

Entro no quarto escuro, não acendo a luz, quero o escuro. Tropeço no macio, desabo em cima dessa coisa, ah! meu Pai. A mania de Dionísia largar as trouxas de roupa suja no meio do caminho. Está bem, querida, roupa que eu sujei e que você vai lavar, reconheço, você trabalha muito, não existe devoção igual mas agora dá licença? Eu queria ficar assim quietinha com a minha garrafa, Ô! delícia beber sem testemunhas, algodoada no chão feito o astronauta no espaço, a nave desligada, tudo desligado. Invisível. (TELLES,1989,p. 13).

Neste fragmento inicial, a narrativa quebra com a tradição linear e inicia num tempo remoto e vivido da personagem Rosa Ambrósio, diante desta ruptura, denota um aspecto da pós-modernidade. O enredo começa na vida adulta da personagem em uma fase conturbada de sua vida, essa situação é notada devido à embriaguez

em um quarto escuro, sem noção, tropeçando em meio ao reflexo da bebedeira. Entretanto, Rosa mantém-se no seu quarto buscando no seu inconsciente as lembranças do passado, sendo invisível aos olhos da sociedade, mas visível para si mesma. Desnuda em suas memórias um passado “opressor”, no qual decide escrever um livro, porém, só as coisas boas. Podemos afirmar, Rosa idealiza sua memória com fragmentos que fazem parte da sua identidade. Lembranças da infância, do primeiro amor, Miguel, dos pais e parentes, de seu amante e secretário Diogo, do relacionamento conturbado com a filha Cordélia e Gregório, seu esposo falecido, principalmente, reminiscências das peças teatrais, dos aplausos calorosos do seu público. Por este viés essas lembranças são imagens que Rosa não encontra mais no espelho, e se vê diante da solidão e decadência.

Os textos teatrais encenados por Rosa Ambrósio tem um significado na sua vida, *Vestido de Noiva de Nelson Rodrigues*, *Quem tem medo de Virginia Woolf*, e principalmente *Hamlet*, na qual representou Ofélia. Rosa ao relembrar da longa cantoria de Ofélia, cuja influência é comparada a loucura e velhice, “não é bom ficar exibindo a velhice” (TELLES, 1989, p, 42). De certa forma, tais textos interferem na identidade de Rosa por estar “impregnado” em sua memória, constituindo o seu próprio conflito existencial. Neste fluxo de memória a personagem Rosa acredita que representou bem o papel de Ofélia.

Acho que interpretei bem a dor de Ofélia, mas quando saí do palco a dor continuou enterrada no meu peito até o cabo. As personagens insistindo, uma noite cheguei a me assustar, era Hamlet, e não Diogo que me apareceu com aquele queixo duro, eu querendo o Arlequim de coração contente e me vem um Pierro sinistro, as narinas abertas intuindo podridões. (TELLES, 1989, P, 42)

Na peça de William Shakespeare a dor de Ofélia é resultado da perda de seu pai e de seu irmão e também do afastamento do príncipe Hamlet, sem a presença protetora de seus “parentes”, a jovem enlouquece e morre afogada. Por ser assim, a dor pela perda do pai e a morte de seu grande amor Miguel, Rosa revive no fluxo de sua consciência o conflito de Ofélia. Nesta conjuntura, de acordo com Rosenfeld, sobre o romance psicológico, estas obras concedem à Rosa Ambrósio relatar o

passado de maneira descontínua através do monólogo interior, proporcionando ao leitor adentrar-se no seu inconsciente.

O uísque desce mais violento pela minha garganta, indignados os dois uísques e eu e ainda assim quero continuar falando, lá sei se esse bosta de gravador ainda funciona, apertei os botões e pronto, não interessa, vou até o fim (TELLES, 1989, p, 189).

Este fragmento clarifica o tempo psicológico, Rosa no limiar da embriaguez retorna aos estilhaços do passado na tentativa de gravar suas memórias.

No romance **As meninas** as três personagens contestam as representações estereotipadas das mulheres, Lorena, uma menina meiga, romântica e delicada, uma jovem de classe média cheia de requintes e etiqueta. Ana Clara, uma jovem rebelde procura nas drogas refúgio para esquecer o passado angustiante. Lia ativista de Esquerda, se corresponde por carta com seus pais, com quem mantém um relacionamento de saudade amor e compreensão. Envolve-se no movimento feminista contra a ditadura militar e escreve um livro “O último véu”, porém depois de pronto rasga-o, a princípio aborda questões românticas, como podemos observar, “começou o romance dizendo que em dezembro a cidade cheira pêssego” (TELLES, 1974, p, 3). Ou seja, dezembro mês da primavera do romantismo. Esses fragmentos extraídos da obra de Lygia Fagundes refletem diferentes ângulos de uma mesma realidade, de um período histórico formando a identidade das personagens.

Nos romances **As Horas Nuas** e **As meninas**, deparamo-nos com duas mulheres multifacetadas: Rosa Ambrósio e Lia, assumem várias posições dentro da sociedade e passam a viver uma crise de identidade. Vale ressaltarmos que Lygia evidencia suas personagens frente aos inúmeros papéis que a mulher desempenha no rol social. Assim, os romances moldam a crise de identidade das personagens, interpretadas no decorrer deste estudo. Stuart Hall (2005) estabelece três concepções de identidade firmadas através dos tempos.

abalou-se a certeza de uma identidade individual, centrada, com um núcleo fixo (sujeito do Iluminismo) ou com um núcleo que se modificava de acordo com as estruturas sociais (sujeito sociológico).

As identidades culturais na pós-modernidade (e diríamos aqui na modernidade também) são fragmentadas, descentradas e deslocadas, de forma que o sujeito assume diferentes identidades na medida em que é interpelado em vários contextos culturais (p.10).

De acordo com Hall, o desfecho desta diferença pode-se chamar de crise de identidade podendo ser entendida como processo de deslocamento do sujeito moderno, devido aos impactos da sociedade sobre o indivíduo: classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. Esta crise de identidade se dá devido às mudanças e transformações, ou seja, ocorre um desdobramento provocando momentos de questionamentos e reflexões sobre o passado, presente e futuro. Diante dessas considerações, notamos que as personagens Rosa Ambrósio e Lia, passam por processos de crises ao longo do enredo em relação ao inacabamento de seus romances.

O romance desenvolve-se desde o desejo de Rosa em escrever um livro com suas memórias, em um momento em que encontra-se “abandonada” por todos no caos do seu inconsciente. Mas antes de escrever passa por um processo de gravação, desejo esse que é revelado nos primeiros capítulos. “Posso começar assim as minhas memórias: Quando nos olhávamos eu via minha beleza refletida nos seus olhos” (TELLES, 1989, p. 10). Podemos observar que a atriz pensa em um começo para seu livro, inicia ponderando sobre sua beleza revelando seus segredos, sua vaidade e sua volta triunfal aos palcos. Por este viés, Rosa antecede gravando suas memórias, projeta seu romance por meio do descentramento das veracidades do passado. Por outro lado, Lia ao escrever seu romance em um período conflituoso que é a ditadura, deixa-se levar pelos medos pessoais e em seguida rasga-o.

Assim, vislumbramos que as personagens apresentam uma identidade que oscila constantemente. Portanto, Rosa Ambrósio e Lia sofrem com essa crise, pois o percurso da narrativa nos leva crer que suas identidades advêm de momentos de crises, ou seja, mudam ao longo de suas vidas. Entendendo deste modo, podemos intuir que em alguns momentos as personagens passam por um processo memorialístico, no qual se destaca uma vida ambígua, conflituosa, desde suas infâncias até a vida adulta.

Comecei falando no meu primeiro amor e ainda estou falando nos olhos verdes que escureciam de repente. Curioso é que eles não demoravam muito nas pessoas, nas coisas, tão fugidios. A vontade de entregar minha boca a sua boca de lábios cheios, os cantos virados para cima, mas não é um espanto? A Cordélia tem esse mesmo tipo de boca ironicamente meiga. Doce pássaro da juventude, doce. Doce. (TELLES, 1989, p.193).

Entendemos que Rosa ao gravar fragmentos de sua memória, apresenta um comportamento bastante volúvel, mudando de acordo com as circunstâncias, idealiza seu primeiro amor, Miguel, mas esse amor é interrompido com sua morte. Assim, a identidade de Rosa muda na passagem do tempo provocando um desequilíbrio emocional, o qual interfere na produção de seu romance.

Nessa linha de raciocínio, podemos considerar que há uma oscilação na identidade de Lia, entre o movimento político e seu romance que desencadeia na personagem um momento de desequilíbrio ao rasgá-lo.

Deixei o microfone. Rasgou? Não tem vocação, coitadinha. Mas gostava tanto de escrever suas histórias naqueles cadernões de capa dura engordurada, para onde ia levava aqueles cadernos. A cidade cheirando a pêssego, imagine. Ofereço-lhe um cacho de uvas mas ela recusa. Não sei o que dizer agora. Tão lúcida quando fala mas quando escreve fica tão sentimental, oh, a lua, o lago. (p.19). (TELLES,1974, p,19).

Na nitidez do diálogo entre as duas amigas, advertimos ou prevemos o espanto da amiga Lorena diante de tal revelação, assim, é notável a sequência de crise da personagem Lia, em alguns momentos quando a amiga revela-se tão lúcida quando fala e tão sentimental quando escreve. Por este viés, Lorena faz uma crítica em relação ao sentimentalismo de Lia, quando escreve em seu romance que em dezembro a cidade cheira pêssego e fica perfumada, porque, acredita que este lirismo não condiz com a amiga pelo fato de Lia ser uma militante de esquerda. Portanto, esse sentimentalismo da personagem é um ensejo de interioridade, podendo mergulhar na sua intimidade expondo de forma natural seus sentimentos em seu romance, “Biombos nas entrelinhas guarnecendo (amo essa palavras,

guarnecendo) o mistério das letras” (TELLES,1974,p, 91). Mas em meio ao conflito ditatorial, Lia ao escrever apresenta-se altamente romântica sonhadora e banal, transpondo seus sentimentos implícitos. Sentimentos esses, que é renegado em meio a sua influência no engajamento político, dificultando expor seu livro. No sentido aqui exposto, percebemos que a personagem Lia, sofre com essa transposição, provocando uma crise de identidade, na qual arrepende-se de escrever. “Não devia ter rasgado, precipitação, histérica” (TELLES, 1974, p.19). É com base nesses momentos contraditórios e insatisfação, questionamento de Lia que sua identidade entra em declínio. “Rasguei tudo, entende, disse ela soprando a fumaça na minha cara. __ O mar de livros inúteis já transbordou. Ora ficção. Quem é que está se importando com isso”. (TELLES,1974, p,19). Com esse embate observamos que Lia se sente inibida diante da sua própria atitude, e finge não se importar com isto, dizendo ser um livro inútil por estar voltado a questões pessoais. Outro fator importante que nos leva a perceber que Lia, sendo uma militante não admite dentro si, esse “outro” lado interior de sentimentalismo, renúncia à literatura dizendo ser mar de livros inúteis, e abandona seu romance rasgando-o.

Podemos deduzir que Lia ao notar que estava sendo traída por seus sentimentos, julga a Literatura vazia, como se sentisse ser traída pela própria subjetividade, mas depois de rasgado o romance, Lia não tem tanta certeza de que seu romance era ruim. “Mas as pessoas sabem o que é bom? O que é ruim? Quem é que sabe? E se for válido? Não devia ter rasgado coisa nenhuma. Mas sei de cor, posso aproveitar o texto talvez num diário” (TELLES, 1974, p, 22). Arrependida, acrescenta que sabia de cor e “salteado”, nisto vemos que a crise de Lia é pertinente em seu discurso pelo fluxo de consciência, mostrando a sua insegurança, fragilidade e carência afetiva, em relação ao seu amor Miguel. “Mas às vezes fico oca, queria ser presa, ficar no seu lugar, por que não fui presa em seu lugar? Queria morrer” (TELLES, 1974, p.8). Assim, constatamos que a lástima de perda da personagem, influencia no seu posicionamento em não admitir o sentimentalismo, vivendo uma vida de representação, sendo torturada pelo silêncio, na solidão e na reserva dos próprios sentimentos.

Nestes termos, de acordo com Stuart Hall (2005) o sujeito pode ser identificado como “descentrado, resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas do sujeito pós-moderno” (p. 46). Logo, de acordo com o

pensamento de Hall, podemos considerar as obras das personagens inacabadas, porque reflete numa fragmentação do ser humano, ou seja, passado, presente e futuro se cruzam se tornando “incompletos”. Por outro lado, do ponto de vista de Maurice Blanchot, (1987). “A obra seja infinita, isso significa (para ele) que o artista (...) cujo inacabamento desenvolve o domínio do espírito, exprime esse domínio desenvolvendo sob a forma de poder” (p,12). Pensando à maneira de Blanchot, podemos entender o romance da personagem Lia tornar-se inacabado no momento em que a mesma rasga-o, dizendo não gostar do que escreve por julgá-lo “ruim”. Diante da posição em que se encontra Lia a mesma desenvolve o domínio do espírito de acordo com Blanchot, na sua interioridade, ou seja, ela não quer rasgar o romance, mas faz transmitindo toda sua raiva naquele momento contestando o poder militar.

Pensando assim, podemos afirmar que o romance de Rosa que está apenas na sua memória, também é considerado inacabado, por ficar nas suas meras gravações não sendo concretizado enquanto escrita, o que nos leva perceber que ela deixa as “lacunas” entreabertas para o leitor refletir.

Como já mencionamos, as obras das personagens são consideradas inacabadas devido a configuração que a autora Lygia Telles nos direciona em seus romances **As Horas Nuas** e **As meninas**, observamos através dos comportamentos de Lia e Rosa o anseio em escrever, podemos dizer que a escrita situa no plano da descoberta para as personagens, em que os fragmentos do cotidiano se configuram nos seus romances.

Podemos intuir que Lygia ao criar uma personagem feminina que não acredita na ficção ao destruí-la, desconstrói o posicionamento masculino em relação à sociedade daquela época, em que a escrita feminina não era vista com bons olhos, era repleta de injustiças. Uma vez que dá as mulheres possibilidades de se mostrarem como seres pensantes criticamente capazes de agir e contestar. Por outro lado, Rosa Ambrósio ao gravar suas memórias no presente, se baseia num passado em busca de algo futuro.

Enfim, aconteceu. Estou tão emocionada que nem consigo botar a cabeça e o resto em ordem e não bebi uma gota, inquietação pura. Desassossego. Então liguei este gravador e resolvi ir falando o que

me der vontade de falar e este será um capítulo das memórias que estou começando agora, atenção, (TELLES, 1989 p,175).

Podemos observar que o discurso de Rosa aqui apresentado, é “incoerente” sendo fruto das inquietações literárias na pós-modernidade. Isto nos leva a concluir que a personagem não avalia o que será gravado para seu romance, fala o que dá vontade, pois, o seu percurso de memórias torna-se confuso em meio a tantas lembranças formando um verdadeiro labirinto, cheio de lamentações, em relação à juventude perdida. Sendo o resultado desta juventude perdida de Rosa, de acordo com Proença Filho (1998), a frustração com o próprio corpo, infeliz no qual interfere em seus relacionamentos pessoais, sendo ela refém dos padrões de beleza exigido pela sociedade, consequentemente marca da pós-modernidade. Nesta perspectiva, a futura “obra” da personagem é recriada e dotada de sentimentos que contribuirá para o processo de sua escrita. Porém essa escrita entra em colapso, ficando apenas no desejo tornando uma obra incompleta. Mas, observamos que Rosa tem condições de escrever seu romance, sabe que deve aproveitar as ideias certas para conquistar um público leitor. “Preciso aproveitar essa ideia nas minhas memórias” (TELLES, 1989, p.11). Do ponto de Vista de Blanchot (1987)

Escrever é quebrar o vínculo que une a palavra ao eu, quebrar a relação que, fazendo-me falar para “ti”, dá-me a palavra no entendimento que essa palavra recebe de ti, porquanto ela nos interpela, é a interpelação começa em mim porque termina em ti. Escrever é romper o elo (p, 16).

Assim, relacionando ao que discute Blanchot, as personagens Rosa e Lia, ao se desdobrarem para tentar escrever, quebram com o silêncio que não quer calar dentro de si, expõem os sentimentos através da escrita ou da gravação, rompendo o elo do silêncio, tendo a oportunidade de recomeçar desprendendo do velho eu, encontrando para si uma nova identidade, que não seja imposta pela sociedade.

Ampliando o leque interpretativo, observamos nos romances **As Horas Nuas** e **As meninas**, que há uma semelhança em relação à decepção amorosa das personagens, que de certa forma interferiu no inacabamento de seus romances já

mencionados. Rosa ainda adolescente, apaixonada pelo primo Miguel, preparada para ir ao casamento de sua prima, vai em direção à casa de seu grande amor, para que ele a visse deslumbrante, e se depara com a cena, Miguel morto no colo de sua mãe.

Pois então a gente não se casa! (...). E já estou chorando feito uma idiota, chorando alto e essa porcaria de gravador gravando o meu choro, ah! Que dor. Faz tanto tempo e é como se tivesse acontecido há pouco, eu com o meu lindo vestido amarelo e sapatos azuis e querendo que ele, me visse antes de todo mundo. (TELLES, 1989, p. 197).

Ao voltar para sua casa é aconselhada pela mãe ocultar do restante da família a tragédia ocorrida, para não ofuscar a felicidade da prima, segundo Rosa esse foi o seu primeiro papel, ou seja, sua primeira representação, sendo que no seu interior estava em desespero. Neste ponto cabe destacar que isto são indícios do pós-moderno, a luta interior da personagem entre atender ou não aos apelos da vontade alheia, essência e aparência. A simulação faz-se necessário para usufruir de um aparente bem estar. De fato, a excessiva valorização da aparência, uma característica da sociedade moderna, como já mencionamos, se traduz na “representação”. Segundo Linda Hutcheon, (1991) com “a renegociação geral tanto do contexto da narrativa histórica quanto da política de representação e auto representação” (HUTCHEON, 1991, 291) vemos que a representação é um traço marcante da personalidade de Rosa. Que se encontra destruída pela iminência da decadência física, não conseguindo enfrentar o passado de forma natural, para que assim pudesse dar continuidade no seu possível romance. Como podemos observar, “a barra pesou demais. Espera, vou beber um pouco, quero beber por Miguel, por tia Lucinda” (TELLES, 1989, p. 199). Vale ressaltar que em nenhum momento do romance, Rosa transcreve essas memórias ficando apenas nas gravações, se justificando não conseguir escrever.

Lia por sua vez também apaixonada por um jovem chamado Miguel que é exilado, sofre com essa separação amorosa, não admitindo para si mesma precisar de carinho e amor, atributos e valores subjetivos que não se unem propriamente ao seu ser “irracional”. Sendo na maior parte do tempo racional, ou seja, em alguns momentos vive uma vida de representação. Notamos que tais semelhanças não são

por acaso, pois Lygia Telles deixa explícito em suas obras essas lacunas, para que assim, o leitor perceba a crise das personagens Rosa Ambrósio e Lia, até no processo de desenvolver seus romances, as personagens não se completam.

Discorrendo ainda sobre as personagens, Rosa Ambrósio, antes mesmo de terminar suas gravações e antes de começar escrever, a personagem se encaminha para uma clínica de recuperação no intuito de tratar-se de suas bebedeiras. Por sua vez, no desfecho do enredo, Lia é obrigada a deixar o país, mas antes depara com a morte da amiga Ana Clara em um quarto do pensionato, com ajuda de Lorena, deixa o corpo da amiga em uma praça da cidade, e viaja ao encontro do exterior.

Portanto, observamos no decorrer do enredo, as personagens continuam suas buscas interiores, vivendo uma crise de identidade fragmentada e resquícios de uma personalidade contraditória. A busca aqui observada nos possibilita percebermos a forma como a literatura nos leva refletir sobre as atitudes humanas em começar algo e não terminar. A literatura trata das questões da ficção e da realidade, conforme Antoine Compagnon (2010) possibilita ao indivíduo se ver dentro da obra, podendo com isso andar nos caminhos por ela indicados, a fim de libertar-se das regras atribuídas pela sociedade, que induz o sujeito a viver alienadamente.

CONCLUSÃO

Neste percurso de pesquisa literária em busca de compreender a incompletude das personagens nas obras de Lygia Telles, obtivemos reflexões expressivas para interpretação de um texto literário. Entendemos então que neste percurso no qual as personagens se encontram assumindo várias identidades contraditórias, situa-se na era da pós-modernidade, em que acirra-se a mudança do pensamento, o ser humano é ambíguo em suas atitudes, busca se encontrar em meio a tantas dúvidas e questionamentos onde está situado. Nessa tentativa de buscar resposta, o homem origina outras identidades para satisfazer-se e conquistar o que antes não conquistou, mas que muitas vezes se frustra, pois essas identidades tomam conta do seu “eu” interior.

No início do estudo, tentamos pontuar o que as personagens têm em comum em relação às suas obras inacabadas. A escolha da temática, a subjetividade das personagens inseridas no mundo, o conflito permanente gerando uma crise de identidade. Ao longo da interpretação tivemos a possibilidade de observar o desdobramento das personagens em escrever um romance. No romance **As Horas Nuas**, Telles consegue explorar diversos temas, dentre eles a condição feminina, ou a busca de identidade da mulher. Rosa nos chama atenção com seus problemas, dentre eles em viver uma vida de representação, não aceitando a passagem do tempo, e decide gravar fragmentos das memórias, para escrever um romance, porém as palavras de Rosa ficam apenas no gravador, gerando uma crise existencial. No romance **As meninas**, Lia uma ativista de esquerda busca romper com o modelo de padrões patriarcais da época, envolvendo-se no movimento feminista. Escreve um romance, e rasga-o, não admitindo o sentimentalismo, sendo uma jovem a maior parte do tempo irracional.

A discussão apresentada neste trabalho de conclusão de curso buscou fazer alguns apontamentos nas obras ficcionais de Telles em relação às obras inacabadas das personagens Rosa Ambrósio e Lia, porque ambas se dispõem a escrever seus romances, almejando encontrar respostas para seus questionamentos. Rosa ao escrever destaca-se impregnada da arte de representação e inquietação. Lia por sua vez, ao escrever se perde no romance retratando sentimentos os quais vivenciava.

Nessa perspectiva, podemos considerar tanto Rosa quanto Lia vivem numa crise de identidade, por não conseguirem concretizar seus romances.

Lygia Fagundes Telles nos proporcionou por meio da ficção, observar a relação entre o tema aqui tratado, com o homem na contemporaneidade, que carrega consigo a inquietação, frustração. Assim, a autora dá ênfase ao comportamento das personagens em relação à sociedade, retratando de forma subjetiva dilemas e contradições do ser humano. Salientando que na ficção ligiana podemos encontrar várias possibilidades de interpretação, saído do censo comum, e ampliando nossos conhecimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Tradução de Roberto Raposo, posfácio de Celso Lafer. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução: Vinícius Nikastro Honesko. Chapecó, SC. Argos, 2009

BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira. 42.º edição. São Paulo: Cultrix, 1994. **Cadernos de Literatura Brasileira**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, v. 5, 1998.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Tradução de Álvaro Cabral Rio de Janeiro: Rocco, 1987

CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, A.; PRADO, Décio de A.; GOMES, Paulo E. S. **A personagem de ficção**. 5ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1995

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2010

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro, Rio de Janeiro: DP&A ,2005

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós Modernismo**: História, Teoria, Ficção. Tradução. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991

JAMESON, F. Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio. 2 ed. Rio de Janeiro: Ática, 2000

LEITE, LIGIA Chiappini, Moraes. **O foco Narrativo**. 11ed. São Paulo: Ática Editora 2007

LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida**. Editora Nova Fronteira, 1978. 3ª edição.

MIKHAIL, Bakhtin. "Discurso no romance" in **Questões de Literatura e de Estética a Teoria do Romance**. Tradução de aurora F. Bernadini; José P. Júnior; Augusto Góes Júnior; Helena S. Nazário; Homero F.de Andrade. São Paulo, UNESP, 1998

PERRONE-MOISÉS, Leyla. "A criação do texto literário" in **Flores da Escrivania**, - São Paulo: Companhia das letras, 1990

PROENÇA, Filho Domício. **Pós-Modernismo e Literatura**. São Paulo: ed. Ática, 1988

ROSENFELD, Anatol. **Reflexões sobre o romance moderno** in Texto/Contexto I. São Paulo: Perspectiva, 1969

ROSSET, Clément. **O real e seu duplo**: ensaio sobre a ilusão. Apres. E Trad. José Thomaz Brum. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008

TELLES, Lygia Fagundes. **As meninas**. Rio de Janeiro: 6º ed. 1974 J.Olympio,1974

_____. **Horas Nuas**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1989

_____. **Verão no Aquário**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998

_____. **Antes do baile verde**. 11. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986

VARGAS LLOSA, Mário. A verdade das mentiras; tradução Cordélia Magalhães. São Paulo. Arx 2004

ARTIGOS E DISSERTAÇÃO

GONÇALVES, Ediliane. **Solidão e autoconhecimento em Lygia Fagundes Telles: A velhice na berlinda**. Dissertação de mestrado em: Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – PPGEL. Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT , Tangará da Serra, 2012

HOFFMANN, M. Oliveira. A **Subjetividade no Romance Moderno**. Artigo disponível em: <http://www.revistapontodoc.com>. Acessado em 25/10/2013

SANTAS, de Oliveira. **O silenciamento Literário das mulheres brasileiras**. Artigo disponível em: <http://www.periodicos/interdisciplinar/revistas>. Acessado em 27/10/2013

ALVES, P. Syntia. **Mulheres trágicas de Shakespeare: Ofélia, Julieta e Lady Macbeth**. Artigo disponível em: Aurora, revista de arte, mídia e política, São Paulo, v.6, n.17, p.51-66, jun.-set. 2013. Acessado em 27/11/2013